

ELEMENTOS PARA A GRAMATICALIZAÇÃO DE *NEGO* NO PORTUGUÊS DO BRASIL

ELEMENTS FOR GRAMMATICALIZATION OF *NEGO* IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Daniel Carvalho
Universidade Federal da Bahia - UFBA
doisolhos@hotmail.com

Resumo: Dos legados da presença dos negros no Brasil e dos problemas sociais que muitos negros sofrem na contemporaneidade, a História Social, a Antropologia e a Sociologia têm-se ocupado há tempos. Entretanto, no terreno dos estudos linguísticos, os trabalhos que se voltam para compreensão da língua não trazem muitas contribuições sobre as questões sociais, políticas e identitárias na construção das gramáticas da língua. Um exemplo disso é o aparente processo de gramaticalização sofrido pela palavra *nego* no português brasileiro que, em determinados contextos sintático-semânticos, passou da condição de nome à de pronome, que passa a ter duas leituras pronominais distintas: uma definida ou referencial, caracterizada por elementos sintáticos definidores (ex.: possessivos ou tempo verbal finito e marca pessoal); e outra indefinida. Entretanto, essa leitura indefinida do elemento pronominalizado *nego* não é tão genérica e despida de valor quanto outros pronomes da mesma natureza, tal como *alguém*, como é assumido na literatura linguística. Desta forma, o presente trabalho se dispõe: (a) a compreender a historicidade do item lexical *nego* no contexto da história social do português brasileiro e (b) a descrever as características semânticas adquiridas ou apagadas por este elemento pronominal em seu processo de gramaticalização, comparando-o com seus pares indefinidos e correspondentes em outras línguas, a fim levantar o inventário de traços que o caracteriza.

Palavras-chave: Historicidade; Gramaticalização; Composicionalidade

Abstract: Works that turn to understand the language bring feel contributions on the social, political and identity in the construction of language grammars. An instance of it is the apparent process of grammaticalization of *nego* (*nigga*) in Brazilian Portuguese. In some syntactic-semantic contexts, its condition as a noun has changed and it started to behave as a pronoun, which starts to show two distinct pronominal behaviors: referential, which is characterized by definer syntactic elements, and an indefinite one. Nevertheless, this indefinite reading of the pronominal element *nego* is not completely generic and divested from some values as other pronouns of the same nature, such as *alguém* (someone), as assumed in the linguistic literature. Thus, we intend to characterize the acquired and/or erased semantic-pragmatic features in such grammaticalization process, comparing it to its indefinite peers and akin elements in other languages, in order to survey the feature inventory that characterizes it.

Keywords: Historicity; Gramaticalization; Compositionality

1. Introdução

Nos últimos anos, muito se tem falado sobre temáticas negras no Brasil, como, por exemplo: preconceito, discriminação racial, racismo, diversidade cultural e a implantação da Lei 10.639/03 que prevê o ensino da história e cultura afro-brasileira e

africana em todos os níveis da educação brasileira. Entretanto, mapear a temática do negro no interior do pensamento social brasileiro é, sem dúvida, uma tarefa de grande envergadura. Inúmeros pesquisadores (historiadores, juristas, literatos, sociólogos e antropólogos) produziram vasta literatura acerca do papel do negro na formação econômica, social e cultural brasileira. Por exemplo, a partir da segunda metade do século XIX, o debate social acerca das temáticas atinentes aos negros produziu diversos materiais (romances, poemas, ensaios, entre outros) denunciando um dado padrão de organização e um dado padrão de domínio político que sedimentavam, em todos os planos da vida social, a naturalização da exploração e da miserabilidade a que o negro estava submetido. Evidentemente, o processo de colonização em curso no país tendeu a potencializar um pensamento que advogava a superioridade do branco, o que não parece ter acabado com o passar dos anos. Por outro lado, muito pouco tem sido feito para investigar o papel desta histórica depreciação do negro no processo de construção linguística do português. Uma das formas mais claras de se observar o efeito negativo do negro na língua portuguesa são os usos de *nego* e seus correlatos (*nega*, *neguinho(a)*, *negão*, *negona* etc.) com função pronominal. Apesar de ser tratado como pronome indefinido na literatura linguística (cf. Garcia, 2008; Pina, 2009), *nego* parece ter materializado em sua forma e seus usos toda essa bagagem.

Nosso objetivo com este trabalho é, portanto, demonstrar que o item lexical *nego* atravessa um processo de gramaticalização no português brasileiro, perdendo suas características enquanto nome, cuja origem é o substantivo *negro*, e adquirindo traços que o encaixa na categoria dos pronomes nesta língua. Entretanto, diferentemente do que aconteceu com outras expressões referenciais pronominalizadas, como *a gente* (Lopes, 2003), *nego* manteve alguns traços pragmáticos históricos, seguindo o princípio da persistência (Hopper, 1991), que se mantêm devido a uma possível hierarquização de sua referencialidade. Estes traços pragmáticos são majoritariamente de referência negativa (= não-empática¹) e só são amenizados ou neutralizados através de algumas

¹ Kuno (1987: 206) define a noção de empatia da seguinte forma: *Empathy*: Empathy is the speaker's identification, which may vary in degree, with a person/thing that participates in the event or state that he describes in a sentence. Segundo Lehmann e Moravcsik (2000: 734), "[i]n general, the speaker has most empathy with such entities that are closest to and maximally like himself". Assim, a não-empatia pode também variar em grau, apresentando-se em forma de apatia até a forma de antipatia ou repulsa.

estratégias morfossintáticas, como o uso de artigo definido, de certos possessivos e, em alguns contextos, de diminutivos.²

Desta maneira, parece haver uma relação direta entre a composicionalidade³ de *nego* baseada em traços pragmáticos permeados por sua história, e seu comportamento sintático-semântico no português brasileiro. Este comportamento sintático-semântico é variável e tende a apresentar valor mais ou menos empático a depender de sua estrutura morfossintática. Uma rápida busca nas redes sociais demonstra que na ausência de um elemento determinante ligado a *nego* (um artigo ou um possessivo de primeira pessoa), este apresenta majoritariamente leitura negativa, o que indica que a marca de *definitude* se apresenta como determinante para sua leitura positiva/negativa.⁴

Para nossa análise, consideraremos que *nego* sofreu um apagamento ou *bleaching* semântico, no qual esta expressão referencial apaga certos traços referenciais em sua transição à categoria pronominal. Entretanto, algumas marcas pragmáticas parecem ser mantidas, visto que seu uso como pronome indeterminado carrega sempre nuances pejorativas, negativas, que sempre estiveram associadas a sua história.

Nossa análise se baseia em duas hipóteses, a saber: (i) o processo de gramaticalização de *nego* é claro ao observarmos o princípio da persistência, proposto por Hoper (1991), no qual a persistência de propriedades do item original na nova forma gramaticalizada é, por assim dizer, um dos aspectos mais preponderantes nesse processo de mudança por gramaticalização; e (ii) da mesma forma com o que acontece com *nigga* no inglês afro-americano, *nigga* sofreu um *bleaching* semântico, isto é, uma neutralização de suas características originais, que tem reflexo generalizado em seu comportamento gramatical, condicionando sua fonologia e sua morfossintaxe. Os resultados alcançados apontam para um processo defectivo de pronominalização de *nego*, que se assemelha em parte ao do atual pronome *a gente*, mas se afasta deste na medida em que conserva traços socioculturais, possivelmente já cristalizados no português brasileiro.

² Santero (2011) apresenta uma proposta de análise morfopragmática do diminutivo em português e espanhol demonstrando que há uma hierarquia da referencialidade do diminutivo, como ilustrado na figura abaixo (Santero, 2011: 32):

³ Entendemos *composicionalidade* aqui como uma função dos sentidos das suas partes e da forma como estão combinadas. O significado de uma expressão é determinado pelos significados dos seus constituintes e pelo modo como estes estão combinados.

⁴ Utilizamos aqui os termos *positivo/negativo* como valores dos processos avaliativos que se depreende do contexto discursivo.

O presente trabalho é constituído das seguintes partes: na seção 3, contextualizamos *nego* como expressão referencial no português brasileiro e descrevemos sua carga sócio-histórico-cultural, da qual deriva sua herança pragmática enquanto pronome. Na seção 4, discutimos o processo de gramaticalização de *nego*, apresentando as propostas de gramaticalização utilizadas em nossa análise. Na seção 5, apresentamos a análise de Jones e Hall (2015) para *nigga*, correspondente de *nego* no inglês afro-americano e aplicamo-la a sua versão brasileira, apontando os devidos ajustes necessários para nossa análise. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2. Contextualizando *nego* sócio-historicamente

Segundo o Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população declaradamente preta e parda no Brasil em 2014, que supera a branca desde os levantamentos de 2007, corresponde a 53,6% da população brasileira.⁵ Mesmo assim, a referência a esta parcela da população é de uma *minoria*. Este sentimento de minoria, de exclusão pode ser retratado na forma como nos referimos linguisticamente ao negro.

Atribuída ao escravizado, a palavra *negro* servia no contexto social anterior à abolição para estigmatizar, para demonstrar, a todo momento, o *status* de inferioridade da pessoa a quem ela era atribuída. Servia para humilhar e, em contrapartida, para fazer com que o racista se sentisse um vencedor diante do outro não-branco. Em outras palavras, “era um palavrão com o qual se ofendia o outro, dizendo-lhe que ele era escravo” (Cuti, 2007: 29).

De acordo com Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, um dos fundadores do Quilombhoje-Literatura⁶ e um dos criadores da série Cadernos Negros⁷, muitas pessoas hoje em dia usam esse expediente de humilhar sem consciência, pelo fato de que a prática da discriminação racial “naturalizou-se”. A palavra *negro* sofreu várias mutações, gerando outras palavras, suas variantes, tanto no campo formal quanto no semântico. Essa mesma variante pode ser empregada para exprimir admiração e carinho, como para projetar ódio e desprezo. É o contexto que vai nos revelar a intenção

⁵ Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015, p. 12. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf> [Acesso em 28-03-2016]

⁶ <http://www.quilombhoje.com.br/>

⁷ <http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>

do falante. No Brasil, não é difícil ouvirmos o tratamento de *nego* ou *nega*. Fixaram-se em nossa cultura inúmeras expressões oriundas da vida colonial e da maneira de falar dos africanos e afrodescendentes.

Cuti (2007: 30) já dá pistas de algumas estratégias linguísticas, relacionadas à morfossintaxe do nome *nego*, que interferem em sua interpretabilidade/referencialidade:

[c]ontudo, o uso afetivo, que nos remete a certa intimidade na relação, oferece algumas pistas. Ao juntar o possessivo “meu” ou “minha” antes do termo “nego” (com a pronúncia *nêgo*), tem-se o acolhimento do outro. Ao contrário, quando se emprega o também possessivo “seu”, o falante atira no outro a carga semântica da ofensa escravista, como se dissesse ao ouvinte que é dele (“seu”) o defeito de ser descendente de africanos escravizados. Como o acento diferencial não existe mais, para o caso de “nego”, substantivo, e “nego”, do verbo negar, tem-se a impressão de ocorrer uma contaminação semântica por causa do circuito racista do pensamento.

A expressão *nego* e seus correlatos (*nega*, *neguinho*, *neguinha*, *nigrinha*, *negão*, *negona* etc.) são considerados histórica e semanticamente inferiorizados. Esta alegação é devida ao fato de o negro sempre ter sido considerado um ser inferior na escala social brasileira, por efeito do regime escravocrata adotado no Brasil desde seu período colonial. Nas palavras de Pereira (2014: 86),

[o] discurso da contemporaneidade tem servido apenas para ressaltar novas formas de indiferenças, estranhamentos e limitações racistas. O velado desprezo aos negros, em nossa sociedade, encontra-se preservado na mais complexa rede de marginalização social, política e moral. O negro de hoje é fruto de concepções históricas que apenas tipificaram um parasita que, ao proclamar a escravidão como ferramenta essencial ao progresso de uma minoria em nosso país, criou novas e infundáveis formas de inferiorização dos diferentes.

Esta herança sócio histórica não-empática pode ser vista nos dados encontrados nos (escassos) trabalhos sobre *nego* como expressão de indeterminação do sujeito na literatura linguística:

- (1) Onde ela mora hoje e ficou um tempão lá de ... *nego* às vezes fazia de lixo aí, mas chegou um tempo que ela tomou a tenência de fazer quarto sala e cozinha, hoje em dia ela fez. [PEPP19-F2f]
- (2) Porque não tá como, o dia de hoje, hoje não, tá tudo uma violência danada aí, um de, um descontrole danado, um desrespeito, antigamente não era tanto assim, era, mas não era tanto, hoje você não pode pisar num pé, você dentro de um ônibus pisar num pé aí, *nego* já está querendo puxar a arma pra, pra querer, querer, tá querendo chamar pra mão né, já está querendo tirar a vida da pessoa. [PEPP30-M3f]

Nos dois exemplos extraídos de Carvalho (2010: 185-186), os únicos apresentados no trabalho do autor, o contexto de indeterminação é negativo, isto é, *nego* desempenha ações socialmente não-empáticas. Mas, *nego* também pode apresentar uma leitura empática. Para isso, o falante recorre a estratégias morfossintáticas, tais como a utilização do possessivo de primeira pessoa (*meu nego*) ou do diminutivo, geralmente também em contexto de posse ((*meu*) *neguinho*, *neguinho do pai*). Mesmo assim, outras estratégias de mesma natureza podem neutralizar essa afetividade, como a utilização de possessivo de segunda pessoa antecedendo *nego* (*seu nego/neguinho*) ou a utilização de certas formas do diminutivo com a manutenção da vibrante, como *negrinho/nigrinha*.

Ainda para ilustrar a variabilidade do uso de *nego*, nas letras da música popular brasileira, por exemplo, a palavra *nego* e seus correlatos aparecem com frequência, com ambas conotações afetiva e ofensiva, o que pode ser verificado na comparação das duas canções apresentadas no preâmbulo deste trabalho. Na canção *Neguinho*, de Caetano Veloso (2011), interpretada por Gal Costa, *neguinho* é utilizado para indicar aspectos negativos de um referente indeterminado, porém com clara referência a aspectos negativos do cotidiano social, como pode ser visto no trecho em (3) abaixo. Já na canção *Nêga vá*, de Pepé da Valéria e Cal Adan (1997) e interpretada pelo grupo É o Tchan, *nega* e *neguinho* aparecem em uma contínua troca de carinho entre os interlocutores, como pode ser visto em (4).

(3) Neguinho não lê, neguinho não vê, não crê, pra quê
Neguinho nem quer saber
O que afinal define a vida de neguinho

Neguinho compra o jornal, neguinho fura o sinal

(4) De quem é a boquinha, nêga?
Ela é sua, meu neguinho.

A expressão *nego*, quando tem o sentido de ofensa direta, é também utilizada para apontar um sujeito indeterminado, um indivíduo qualquer, mas, muito comumente, com nuances não-empáticas. Um exemplo claro disso são as publicações do *blog Caveira Nerd*⁸, que apresenta uma série de imagens vinculadas a ditos envolvendo a expressão *nego* que traduzem sua realidade interpretativa, sempre associada à existência

⁸ <http://caveiranerd.blogspot.com.br/2015/03/memes-nego.html> [Acesso em 28-03-2016].

do indivíduo afrodescendente, como pode ser visto nos *memes*⁹ lustrados nas figuras 1 e 2 abaixo:¹⁰



Figura 1 – Meme: Nego não sai do whatsapp



Figura 2 – Meme: Nego some

Quando as variantes *nego* ou *nega* recebem o sufixo diminutivo –inho(a), a ambiguidade interpretativa também ocorre: pode-se estar acolhendo ou desprezando. Segundo Cuti (2007: 33), “na linguagem corriqueira paulistana, emprega-se bastante a expressão “neguinho” para caracterizar qualquer indivíduo que pretenda ultrapassar os limites, transgredir as normas, enganar o próximo, uma pessoa abusada. ”

Quando se usa o aumentativo, surgem outras nuances. Um *negão* geralmente tem conteúdo semântico-pragmático diverso, caracterizado como forte fisicamente ou sexualmente desejável. Silva Júnior e Ivenicki (2015: 4-5) apontam que

[e]nquanto a identidade social negra é construída, a partir de práticas discursivas, como identidade subalterna por meio da exclusão, [...] [a] identidade sexual do homem negro é exaltada pelo modelo hegemônico, como reprodutor, viril, bem dotado. Em nosso país, o macho negro é visto como modelo de virilidade de potência sexual e de dotação sexual. O homem negro, também é construído como ativo, como aquele que está a todo o momento pronto para o ato sexual.

⁹ A expressão *meme* é utilizada para caracterizar uma imagem, informação, ideia ou conceito, que se difunde através da *internet* rapidamente. O meme pode ser uma frase, *link*, vídeo, *site*, imagem entre outros, os quais se espalham por intermédio de *e-mails*, *blogs*, *sites* de notícia, redes sociais e demais fontes de informação.

¹⁰ As imagens aqui apresentadas foram extraídas do *blog Caveira Nerd*, acessado em 28/03/2016 e podem ser conferidas no *link* apresentado na nota de rodapé anterior.

“Negona” é um termo altamente produtivo no falar baiano, porém menos empregado em outros falares brasileiros. Entretanto, o machismo também aí não deixa de acrescentar seu julgamento, em geral pseudo-estético. *Pseudo* porque balizado pelo modelo branco de beleza (pele clara, nariz afilado, cabelos lisos, corpo magro). É um termo que tende mais para o sentido depreciativo, para caracterizar uma mulher de pele escura, feia; ainda que entre negros, no uso da palavra, possa haver uma reversão, no sentido de apontar uma mulher negra decidida, forte em seus argumentos e convicções. Hooks (1995), falando do contexto norte-americano, acentua a necessidade de analisar como os corpos das mulheres negras são representados no período escravista e pós-escravista. Para a autora (Hooks, 1995: 469):

[...] [m]ais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da idéia de que as “mulheres desregradadas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado.

Esta herança social inegável na cultura brasileira permeia historicamente a construção do imaginário do negro. Este fato é, naturalmente, amalgamado na própria construção do léxico que gira em torno deste imaginário. Portanto, *nego* e suas expressões afins carregam consigo toda esta carga histórica em sua constituição lexical.

Assumiremos, portanto, para este trabalho, a hipótese de que as diferentes expressões da expressão *nego* são resultado de um processo de pronominalização/gramaticalização de traços pragmáticos existentes nas comunidades de uso de tal expressão e herdados da tradição racista predominante em nossa cultura. Nossa proposta é de que *nego* desempenha uma função pronominal genérica, mas não indeterminada, pois é possível capturar em seu uso, uma referência semântico-pragmática de leitura depreciativa referente à comunidade afro-brasileira. Seu processo de gramaticalização, entretanto, apresenta, pelo menos sincronicamente, características deste processo, semelhantemente ao que ocorreu em outras expressões pronominalizadas no português brasileiro, como *a gente*. Assim, assumiremos que *nego* se encaixa em um *continuum* de referencialidade, à semelhança do proposto por Lopes (2003) para *a gente* no português brasileiro. Porém, diferentemente do que aconteceu com *a gente*, *nego* ainda preenche sua referencialidade pronominal com traços pragmáticos históricos, distanciando-o de um completo pronome pessoal, mas também deslocando-o de um indefinido, como sugerem sê-lo alguns autores (cf. Garcia, 2008; Pina, 2009). Descreveremos, a seguir, os pressupostos teórico-metodológicos que nos guiaram em nosso trabalho.

3. Sobre a gramaticalização de *nego*

Assumiremos aqui que *nego* desempenha papel de pronome no português brasileiro. Para melhor compreensão de nossa proposta, apresentaremos a seguir uma breve descrição desta classe de palavras.

A palavra *nego* possui inúmeros significados nos dicionários de língua portuguesa, seja como substantivo ou adjetivo, seja na condição de pronome: indivíduo de pele muito escura (negro), forma familiar e carinhosa de tratamento, designação vaga de pessoa indeterminada¹¹, pessoa indeterminada, interlocutório pessoal¹².

O termo pronome teria vindo do latim *pronomen* e significaria “palavra que substitui o substantivo, ou que o acompanha para tornar-lhe claro o significado” (Ferreira, 1975: 1145). Bueno (1996: 532-533) define as classes gramaticais relevantes para nossa pesquisa da seguinte forma: *pronome*, como “a palavra que substitui o nome ou a ele se refere, definindo-lhe a posse, a posição, a indeterminação e outras relações; *substantivo*: o que designa pessoa ou coisa; *adjetivo*: o que especifica pessoa ou coisa em várias relações.”

Mattos e Silva (1989), por sua vez, caracteriza os pronomes como determinantes, definindo-os não somente como elementos que substituem um nome, mas como todos os elementos que circundam o núcleo (elementos satélites ao núcleo nominal). Câmara Jr (2006) caracteriza o pronome pela sua noção gramatical de pessoa, isto é, por uma noção que se expressa pela heteronímia, em vez de flexão, ou seja, pela mudança do vocábulo gramatical. Vilela e Koch (2001) designam o pronome pelo termo Pro-Nomen, o qual traduz um valor de “relação” entre as classes pronome e nome (ou substantivo). Além disso, explicitam que os pronomes assinalam uma lista fechada de formas com algumas características: flexionam em gênero e em número (normalmente); não são comparáveis; são termos que ganham importância denotativa na referencialidade do texto ou circunstância. Os pronomes indefinidos, contudo, referem-se a um grupo de vocábulos que solicita o verbo na terceira pessoa e que se atesta a uma

¹¹ "Nego", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [online], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/nego> [consultado em 28-03-2016]. Curiosamente, a definição trazida pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa de *nego* e *negro* “indivíduo” de pele escura, enquanto *branco* é definido como: “que ou quem pertence a uma divisão da **espécie humana** caracterizada pela pele clara ou morena” (grifo nosso). "**branco**", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/branco> [consultado em 02-04-2016].

¹² "Nego", in *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM]. 2001.

determinação mais vaga em relação aos definidos, identificados como alguém, outrem, ninguém, entre outros, de acordo com o levantamento de Said Ali (1971). Com uma perspectiva semelhante, Vilela e Koch (2001) salientam que os indefinidos compreendem uma quantificação ou uma qualificação imprecisa, ou ainda determinam quantidades, referindo-se à totalidade ou qualidades precisas, ou seja, ou quantificam uma pluralidade (algum, pouco, muito) ou uma totalidade (todo, tudo, nada, nenhum).

Os pronomes diferem dos nomes, pois “limitam-se a mostrar o ser no espaço” (Câmara Jr., 1970: 78). Além disso, eles situam os elementos do mundo biossocial, os quais se aplicam à expressão linguística, dentro de um quadro comunicativo, passando a ser indicados pela posição que ocupam no momento de uma mensagem linguística. Ainda de acordo com o autor, os pronomes se caracterizam pela noção gramatical de pessoa e em que ela consiste. É uma noção que se expressa pela heteronímia, em vez de flexão, ou seja, pela mudança do vocábulo gramatical. Said Ali (1971), por sua vez, entende que todo pronome ou é um substantivo ou é um adjetivo, além de ressaltar que o pronome-substantivo se caracteriza como pronome absoluto, enquanto o pronome-adjetivo se caracteriza como pronome adjunto.

Para averiguar melhor os processos mencionados e ligá-los à funcionalidade de *nego*, voltar-nos-emos ao estudo da gramaticalização. Hopper (1991: 17), com base em Meillet (1958), entende a gramaticalização como “a atribuição de uma característica gramatical a um vocábulo previamente autônomo”. Portanto, gramaticalização ocorre quando este “vocábulo” ou item lexical/expressão passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo status como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo ser recategorizados, i.e., mudar de categoria sintática, passar a ter propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema.

A gramaticalização leva em conta, portanto, não só a funcionalidade da língua, mas também a forma de comunicação dos falantes, constituindo um processo de regularização do uso de termos novos. A gramaticalização é, desta maneira, interpretada como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática. A gramaticalização é motivada pelo uso constante de termos em situações

reais de comunicação. Esse uso, por sua vez, faz que o elemento linguístico sofra transformações para a regularização do uso da língua, apresentando unidirecionalidade, ou seja, caminha do discurso para a gramática, como ilustrado abaixo:

(5) discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero

Para isso, consideramos também a hipótese de que, para a existência da unidirecionalidade, há fatores de cunho cognitivo, sociocultural e comunicativo que interferem na mudança do elemento linguístico.

A partir do exposto acima, levantamos as seguintes questões de pesquisa: (a) Quais propriedades primitivas (traços nominais) foram perdidas no processo de pronominalização de *nego* no português brasileiro? (b) Quais propriedades mais gramaticais (traços pronominais) foram assumidas por *nego*, ao se gramaticalizar?

O processo de reanálise de *nego* pode ser classificado como fraco (gramaticalização fraca nos termos de Lehmann (1982)), visto que a função pronominal assumida por *nego* é de pronome indefinido, já atestado em outros itens lexicais, como *povo*, *gente*, *pessoal* etc. Em alguns casos, entretanto, podemos verificar pistas de um processo de gramaticalização forte, quando, por exemplo, *nego* não é utilizado com elementos determinantes, como artigo. Menon (2006: 129), advoga que

[...] indeterminação do sujeito concerne os casos em que não se pode ou não se quer nomear o sujeito, na acepção de ‘referente extralinguístico’. No entanto, o referente é conhecido pelo locutor (e em certos casos, também do interlocutor, o que torna possível a compreensão mútua) e se ele quisesse ou se isso lhe fosse conveniente ou interessante, ele poderia nomeá-lo ou descrevê-lo. Nesse sentido, o referente pode ser recuperado pelo locutor a qualquer hora. Trata-se, antes de tudo, de uma maneira de escamotear o sujeito extralinguístico por meio de uma forma de expressão linguística, em função da situação de comunicação.

Juntamente a este processo (fraco) de gramaticalização, *nego* estaria sofrendo *bleaching*, nos termos de Haiman (1991). Este “descoloramento” linguístico da expressão estaria acontecendo em diversos níveis linguísticos: fonológico (*negro* ~ *negu*), morfossintático (*meu neguinho* ~ *seu neguinho*), semântico (\pm esvaziamento semântico).

Para entendermos o funcionamento do processo de gramaticalização envolvendo os traços constitutivos desta expressão referencial, recorreremos à análise do processo de pronominalização de *a gente* proposto por Lopes (2003). A autora assume que o que controla o grau de referencialidade (indeterminação) do pronome *gente* e *a gente* é a

hierarquia de indefinitude (adaptado de Givón, 1979; Croft, 1993). A referência de *a gente* seria distribuída em um *continuum*: do grau de definitude/referencialidade máximo como em (6a) ao grau de definitude/referencialidade mínimo, como em (6d), com dois graus intermediários (6b) e (6c). O conjunto de traços e seus correspondentes valores em (6), portanto, representa a distribuição dos traços relevantes para o *continuum* referencial: [? definido], [± referencial], e [± específico].

(6) Graus de referencialidade (Lopes, 2003: 94-96)

(a) [+definido] [+referencial] [+específico]

(b) [+definido][+referencial] [–específico]

(c) [–definido] [+referencial] [–específico]

(d) [–definido][– referencial] [– específico]

Hopper (1991) considera possível identificar graus variados de gramaticalização nas formas do *continuum* linguístico e, para tanto, propõe alguns princípios que visam a medir o grau de gramaticalização dessas formas. Semelhantemente ao que faz Lopes (2003), Dentre os princípios propostos, ater-nos-emos apenas aos princípios da persistência e da decategorização por serem os que se relacionam diretamente ao fenômeno discutido neste trabalho. O princípio da persistência prevê, segundo Hopper, a possibilidade de alguns traços de significado, isto é, de resquícios da referenciação extralinguística da categoria lexical serem mantidos na forma gramaticalizada, o que pode, segundo ele, vir a interferir nas restrições sintáticas da nova forma. Lopes (2010: 278) propõe estender esse princípio de Hopper (1991) para além dos traços semânticos, apoiada no argumento de que “os detalhes da história lexical do item’ não se restringem aos valores semânticos, mas também às suas características formais”. Segundo Lopes (2010: 278), a manutenção no item de propriedades originais em sua nova forma gramaticalizada é o que melhor caracteriza este processo, “uma vez que os traços identificados pelo princípio da persistência marcarão as particularidades da forma que se recategoriza. ”

O princípio da decategorização, remete, de acordo com Hopper (1991), à perda ou à neutralização, por parte da forma-fonte, de flexões morfológicas e de privilégios sintáticos, decorrentes do processo de abstração por que passa tal forma rumo à

categoria gramatical. Lopes (2010: 279) acredita que ambos os princípios estejam imbricados, visto se tratar de um processo gradual, a mudança de categoria pode preservar algumas características, já que não há esvaziamento pleno de todas as propriedades lexicais do item gramaticalizado.

Omena e Braga (1996), Menon (1996) e Lopes (2003) verificaram que o *gradualismo* (ou *persistência*) também já foi verificado com a forma *a gente* uma vez que a forma pronominal herdou a referência indeterminadora, genérica e a noção coletiva do substantivo *gente*. Resta-nos aqui verificar se *nego* como pronome herda o valor negativo associado ao seu nome original na cultura luso-brasileira.

Nego encontrar-se-ia, portanto, em um processo de reanálise, em que o princípio da decategorização não foi plenamente atingido. Isto pode ser visto a partir de indícios das características da mudança categorial do termo: de nome para pronome, ao mesmo tempo preservando características do nome e assumindo características de pronome. Este processo seria caracterizado pela presença/ausência dos traços acima na composição da expressão *nego*, sendo este interpretado como nome na ausência/diminuição de definitude, referencialidade e especificidade, enquanto sua leitura como pronome necessariamente aumentaria a leitura destes traços.

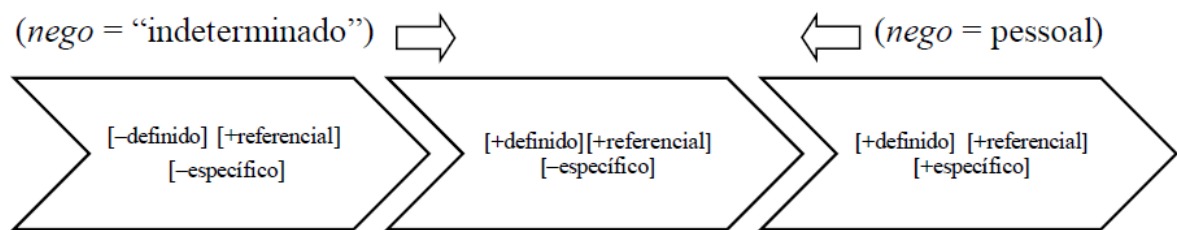


Figura 3: Hierarquia de definitude/referencialidade de *nego*

Observe que diferentemente de *a gente* na Figura 3, não é possível *nego* possuir a estrutura em (6d), a minimamente referencial na hierarquia de *a gente*, sendo sempre mais referencial. Para ser minimamente referencial (ter a configuração em (6d)), os traços referenciais de *nego* deveriam ser desconhecidos por um dos participantes do discurso, como prevê Lopes (2003: 94). Entretanto, isto não ocorre pois consideramos que sua carga (herança) pragmática é sempre compartilhada entre os participantes do discurso. O *continuum* da estrutura de traços de referencialidade de *nego*, portanto, deslizaria entre as estruturas (6c) e (6a), como apontam as setas na Figura 4.

Desta forma, gostaríamos de propor que, diferentemente de *a gente*, *nego* não apresenta um correspondente minimamente referencial, já sendo referencialmente determinado em sua origem. Esta referencialidade é recuperada a partir da carga pragmática de *nego*, construída sócio-culturalmente, como ilustrado na seção 2 este trabalho.

Assim, esse esvaziamento parcial da expressão referencial *nego* e sua reanálise no item funcional pronome não está sendo uniforme e algum material semântico-pragmático está sendo mantido. Em outras palavras, o processo de pronominalização de *nego* parece estar acontecendo de forma defectiva, pois traços pragmáticos concernentes à carga histórico-cultural da expressão não se perderam em tal processo.

4. Sobre o *bleaching* de *nigga* e de *nego*: evidências translinguísticas

Jones e Hall (2015) apresentam evidências de que o inglês afro-americano (African American English – AAVE) adquiriu um novo pronome, o *nigga*. *Nigga* teria significado aproximado de *guy* (“cara”) no inglês americano geral (General American – GA). De acordo com os autores, alguns registros do vernáculo do AAVE disponibiliza um novo conjunto de itens lexicais, incluindo pronomes, que são o reflexo da reanálise gramatical de expressões utilizando o reflexo do AAVE na gíria inglesa *nigger*.

Jones e Hall demonstram que esse novo conjunto de pronomes distribui-se entre as pessoas do discurso, apresentando características gramaticais para a distribuição de cada pessoa: a primeira pessoa *a nigga* e *niggas* (fonologicamente /ənɪgə/ e /nɪgəz/), a segunda pessoa em forma de vocativo *nigga* (/nɪgə/) e *ma nigga* (/mənɪgə/) e a terceira pessoa honorífica *this/that/my nigga* (Jones e Hall, 2015: 1). Os autores, então, assumem com Haiman (1991) que houve um processo de *bleaching* semântico¹³, isto é, um processo no qual um morfema ou uma palavra é “descolorido” (do inglês *bleached*) de seu significado através do tempo. Destarte, *nigga* não seria mais marcado por raça ou etnicidade, como ilustrado em (7) abaixo, e seria usado neutramente e aclamadamente quando se discute outras expressões ofensivas, como em (8).

(7) There’s this *White/Asian/Black/African nigga* in my class, ...

¹³ No que tange aos tipos de mudança semântica, há a generalização semântica. Esta é assim chamada, visto que consiste na generalização de contextos em que um mesmo item é usado. No decorrer deste processo, alguns componentes do significado original do item podem se perder. A perda destes traços originais é conhecida como redução semântica, ou como *bleaching*.

Há este branco/asiático/preto/africano **nigga** em minha sala de aula,...
“Tem esse **nigga** branco/asiático/preto/africano na minha sala.”

(8) I think it's disrespectful when a **nigga** call a girls a *bitch*.

Eu acho EXPL.é desrespeitoso quando um **nigga** chama uma garota uma *cadela*.

“Eu acho desrespeitoso quando um **nigga** chama uma garota de *puta*”

Os autores apresentam uma série de evidências gramaticais que vão da fonologia à sintaxe para demonstrar que *nigga* é um verdadeiro pronome e não um “impostor”, nos termos de Collins e Postal (2012), isto é, expressões linguísticas que denotam participantes do discurso de grupos de falantes. Para os autores, a *bleaching* de *nigga* se dá devido à animacidade. Semanticamente, *nigga* como terceira pessoa “descolorida”, i.e., enquanto *default* humano e masculino, faz um movimento descendente na hierarquia proposta pelos autores, baseada em Comrie (1981) e ilustrada abaixo em (9), para abarcar mulheres, crianças, animais domésticos e criaturas conscientes, mas não atos da natureza ou objetos inertes (como pedras, por exemplo).

(9) Adultos masculinos livres > outros humanos > animais de estimação e outros animais domésticos > outras criaturas conscientes > forças da natureza > coisas que se movem > coisas inertes¹⁴

Jones e Hall (2015) ainda consideram relevante a hierarquia proposta por Silverstein (1976), ilustrada em (10), na qual pronomes pessoais estão em uma posição hierárquica mais alta que nomes animados.

(10) Pronomes de 1ª pessoa > pronomes de 2ª pessoa > aproximativos de 3ª pessoa > obviativos de 3ª pessoa > nomes próprios > termos de parentesco > nomes humanos > nomes animados > nomes inanimados

Os autores argumentam, então, que, dada tal hierarquia, a ausência de um paradigma pronominal completo para as chamadas *formas-n* (*nigga* e seus correlatos) não é problemática vista a interação entre a alta animacidade de *nigga* no *bleaching* sintático desta expressão e os tipos sintáticos universalmente altamente animados, ilustrados em (10), o que levaria à caracterização das formas-n como pronomes verdadeiros e não impostores.

¹⁴ Do original (Jones e Hall, 2015: 3): Free adult males > other humans > pets and domesticated animals > other sentient creatures > forces of nature > moving things > non-moving inert things.

Se considerarmos essa análise para *nego* no português brasileiro, perceberemos que alguns ajustes precisariam ser feitos o que, entretanto, não invalidaria a possibilidade de um deslize gramatical da mesma natureza estar acontecendo nesta língua.

Nego, diferentemente de *nigga*, não estaria estabilizando-se como pronome pessoal, apesar de carregar em determinados contextos nuances pronominais pessoais, como pode ser visto em nossa discussão. Mas, também já não seria um elemento de indeterminação (pronome indeterminado) no português brasileiro, como proposto na literatura (cf. Carvalho, 2010¹⁵; Garcia, 2008; Pina, 2009). Sua distribuição depende da leitura dos traços de referencialidade, definitude e especificidade, como proposto anteriormente da Figura 4 e sua leitura vai depender de aspectos socioculturais aos quais estes traços estão ligados. Consideramos a sócio-história da expressão *nego* essencial para delimitarmos as nuances interpretativas geradas pela leitura desses traços nos diferentes contextos sociais. Reconhecemos, entretanto, que um estudo a partir de dados das comunidades afro-brasileira nos moldes da feita por Jones e Hall (2015) seria necessário para chegarmos a conclusões mais concretas sobre a influência do traço de animacidade na produção de *nego* no português afro-brasileiro.

Considerações finais

Neste trabalho, pretendemos discutir as estratégias linguísticas dos usos do item lexical *nego*, assumindo que sua diversidade significativa se deve ao fato de este item estar sofrendo um processo de gramaticalização, fraco em alguns momentos, forte em outros (Lehmann, 1982).

Ainda, mostramos que esta multiplicidade semântico-pragmática, vastamente encontrada na literatura e na música popular brasileira, pode ser o reflexo de processos históricos, que impregnam o item lexical de valores positivos e negativos, a depender dos processos avaliativos que se depreende do contexto discursivo. Observamos que o contexto sócio-histórico de *nego* mostra-se mister para a compreensão de seu

¹⁵ Segundo Carvalho (2010: 187): “[e]mbora faça referência à etnia negra, seu conteúdo semântico se expandiu em caráter emocional na Bahia, mais especificamente em Salvador, sendo empregado também para qualquer pessoa a que se tenha estima ou então para falar de qualquer pessoa, não determinando quem seja.”

comportamento linguístico no português brasileiro, visto que a inegável herança racista persiste no uso da língua a partir de traços pragmáticos sutis, porém indeléveis.

Para nossa análise, consideramos a noção de *bleaching*, esvaziamento semântico (estendido a outros níveis gramaticais, como a sintaxe e a fonologia) como essencial para a compreensão do comportamento sintático e semântico da expressão *nego* e seu trânsito à categoria dos pronomes. Vimos também que *nego* não se comporta como elemento de indeterminação tradicional, totalmente esvaziado de seus traços referenciais, e se aproxima muitas vezes da referencialidade encontrada nos pronomes pessoais, da mesma forma que seu correspondente no inglês afro-americano, *nigga*.

Referências

- BUENO, F. da S. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Editora FTD, 1996.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARVALHO, V. *Você, a gente et alia indeterminam o sujeito em Salvador*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, 2010.
- COLLINS, C.; POSTAL, P. M. *Imposters: A Study of Pronominal Agreement*. Cambridge, MA: MIT Press, 2012.
- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology: Syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- CUTI. *Moreninho, neguinho, pretinho*. Coleção percepções da diferença. Negros e brancos na escola 3, 2007.
- DA VALÉRIA, Pepé; ADAN, Cal. *Nega Vá*. In: *É o Tchan do Brasil*. Polygram: Rio de Janeiro, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GARCIA, A.S. Tipos de Sujeito indeterminado. *Almanaque CIFEFIL* 1, 2008, p. 280, 2008.
- HAIMAN, J. From V/2 to Subject Clitics: Evidence from Northern Italian. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Vol. II: Focus on types of grammatical markers. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins, 1991, p. 135-157.
- HOOKS, Bel Intelectuais negras. *Estudos Feministas*, 3 (2), 1995, p.464-478.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 1991, p. 17-35.

- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM], 2001.
- JONES, T.; HALL, C. Semantic Bleaching and the emergence of new pronouns in AAVE. *LSA Annual Meeting Extended Abstracts* 6, 2015, p. 1-4.
- KUNO, S. *Functional Syntax: Anaphora, Discourse, and Empathy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. In: *Língua e Stile* 20, 1982.
- LEHMANN, C.; MORAVCSIK, E.A. Noun. In Geert Booij et al. (eds.), *Morphology: An International Handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000, p. 732-756.
- LOPES, C. R. dos S. A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização. In: VITRAL, L.; COELHO, S. M. (orgs.) *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 275-314.
- _____. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana 18, 2003.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM, 1989.
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique Historiques et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1958.
- OMENA, N. P.; BRAGA, L. M. A gente está se gramaticalizando?, In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.): *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.75–84.
- PEREIRA, O.M.L. *Docência negra em Pelotas: um constante reinterpretar de silêncios*. Tese (doutorado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.
- PINA, A.A. *Por uma nova "percepção" de um antigo problema: estudo cognitivo-construcional do sujeito indeterminado com se no português*. Tese (Doutorado) – UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2009.
- Priberam da Língua Portuguesa [online] (2006).
- SAID ALI M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1971.
- SILVA JÚNIOR, P. M.; IVENICKI, A. Sou negão com prazer!: em busca de possibilidades de problematizar o processo de construção das masculinidades negras. *Anais do IV Seminário Enlaçando Sexualidades* 1, 2015, p. 1-8.
- SILVERSTEIN, M. Hierarchy of Features and Ergativity. In DIXON, R. M. W. (ed.). *Grammatical Categories in Australian Languages*. Canberra: Australian National University, 1976, p. 112-171.
- VELOSO, Caetano. *Neguinho*. In: *Recanto*. Universal Music: Salvador, 2011.
- VILELA, M; KOCH, I. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almeida, 2001.